

# WWF quer proteção para os cerrados

Exportação de produtos orgânicos certificados pode ajudar a conservar o ecossistema

José Alberto Gonçalves  
de São Paulo



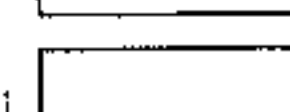


Ecoturismo, turismo rural, certificação de carne e soja orgânicos, redução no uso de agrotóxicos e criação de novos parques e reservas são algumas idéias de um pacote arrojado de propostas para estancar e reverter parte da degradação ambiental do cerrado brasileiro, lançado em Brasília pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF).

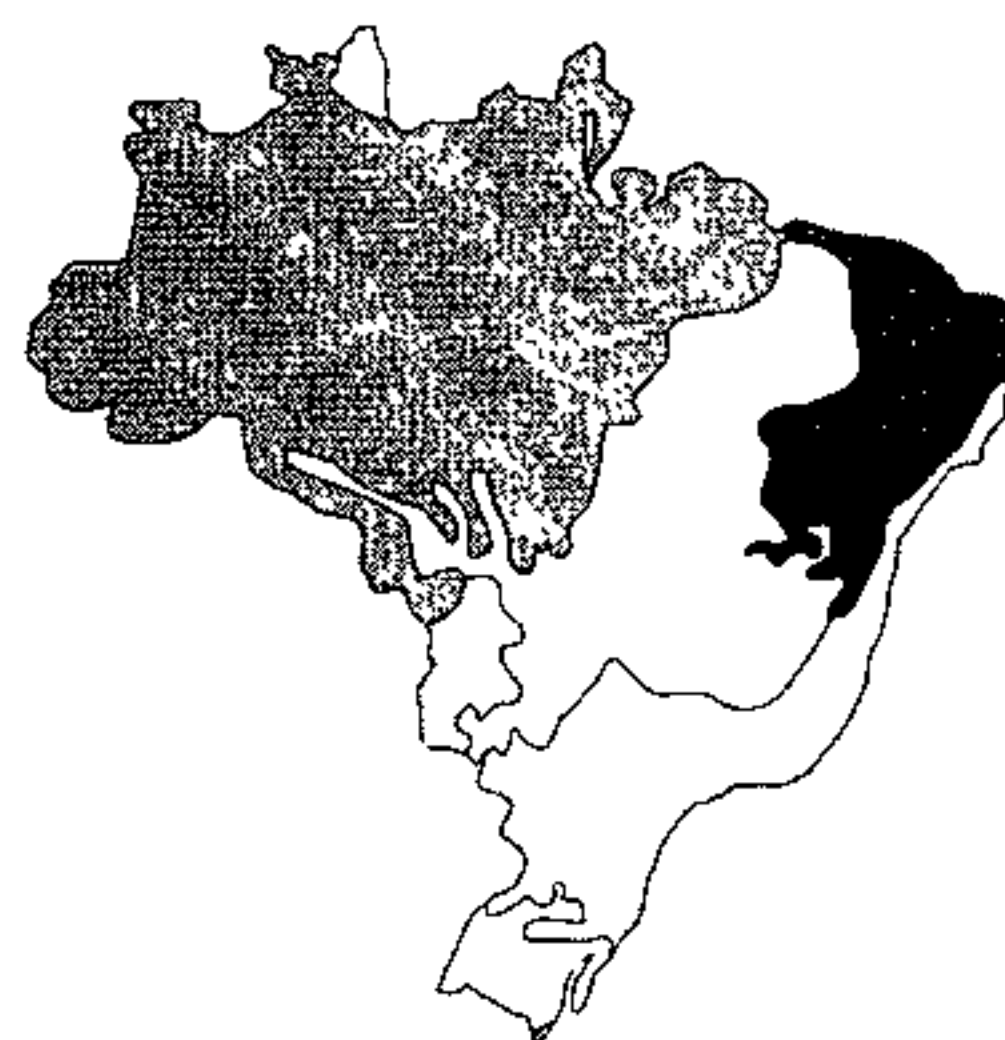
Dos 226 milhões hectares da área original dos cerrados, ou 23% do território nacional, 80% foram destruídos total ou parcialmente, restando 19,15% preservados e 0,85% em unidades de conservação, como parques federais, informa o documento "Expansão agrícola e perda da biodiversidade no cerrado", produzido pelo WWF. Como comparação, o percentual de áreas em unidades de conservação da Amazônia é mais de quatro vezes superior, ou 3,62% da área total da maior floresta tropical do mundo, que já é considerado pequeno por ambientalistas.

O cerrado dispõe de diferentes formações, como campos limpos sem mata e áreas com árvores baixas de troncos retorcidos.

A soja é apontada no documento como carro-chefe da frente de expansão agrícola no cerrado, que desde os anos 70 se alastra pelo Centro-Oeste e recentemente sobre Amazônia e Nordeste. O cerrado responde

## Ecossistemas

-  Caatinga
-  Cerrado/Campos
-  Pantanal
-  Floresta Amazônica
-  M. Atlântica



Fonte: WWF

por 45% da produção nacional de soja, de 32 milhões de toneladas.

"Não somos contra o progresso. Mas é necessário que se altere o modelo de ocupação do cerrado, sob pena de perda irreparável da biodiversidade", diz Álvaro Luchiezi Júnior, técnico do WWF em comércio exterior e meio ambiente.

Para ele, o Brasil ganhará merca-

do no exterior com produtos agropecuários desenvolvidos em equilíbrio com a conservação ambiental. A soja orgânica, por exemplo, cultivada sem agrotóxicos, é comprada pelos europeus a pelo menos US\$ 14 a saca, diz o técnico, 40% superior à média de US\$ 10 prevista por analistas para o grão em 2001. Agroquímicos poluem rios no cerrado, onde se localizam as nascentes das três principais bacias hidrográficas do País (Platina, Amazônica e do São Francisco), informa a entidade.

O WWF também critica a implantação pelo governo federal dos corredores de exportação, que priorizam estradas para o escoamento da produção agrícola do cerrado. Segundo Luchiezi Júnior, os corredores estão sendo abertos antes mesmo de os estados aprovarem o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE), espécie de guia com áreas mais adequadas à agricultura, indústria ou à conservação ambiental.

No Piauí, onde o sudoeste do estado assiste a uma das mais aceleradas frentes de expansão agrícola, empresários, governos, Ministério Público e organizações não-governamentais preparam um programa de desenvolvimento sustentável do cerrado, para evitar que se repitam desastres ambientais, como o assoreamento do rio Taquari (Mato Grosso) provocado pelo plantio de soja em suas cabeceiras.

Uma proposta formulada para o programa piauiense é o aumento da reserva legal de mata de 20% (percentual obrigatório) para 30% da área das propriedades rurais, informa Carlos Moura Fé, agrônomo do Ibama em Teresina (PI).

Outra medida tomada no estado para reduzir prejuízos ao cerrado, como a ocupação de áreas próximas de nascentes de rios, foi a redução de 1.000 para 200 hectares do tamanho mínimo exigido para o licenciamento ambiental das fazendas.

"Muitos agricultores burlavam a legislação declarando em nome de parentes pedaços de sua propriedade para escapar da licença ambiental."

Para Paulo Oliveira, dono da empresa Terra Forte, em Bom Jesus (PI), o limite de 1.000 hectares era alto, mas acha exagerado obrigar agricultores com menos de 500 hectares a requerer licença ambiental. "Há uma indústria de EIA/RIMA no Piauí", afirma Oliveira, que é sócio de outro agricultor, gaúcho como ele, em uma loja de insumos agrícolas e numa fazenda de 1.200 hectares, onde se cultiva soja e arroz.

O aumento da reserva legal do cerrado de 20% para 30% é uma boa idéia, diz Oliveira, que também considera desperdício o descontrole na água que jorra nas centenas de poços existentes no sudoeste do estado. "Os lençóis freáticos da região são os maiores do planeta." ■

INSTITUTO	Documentação
SOCIO-AMBIENTAL	
Fonte: GM	
Data: 18/02/2001	Pg. 016
Class.: 65	